

# A trajetória do pioneiro Yamato

Reprodução

Ele morreu na véspera do aniversário da imigração japonesa

Lina de Albuquerque

**S**ÃO PAULO — Quando o navio *Kasato Maru* atracou no porto de Santos trazendo os primeiros imigrantes japoneses ao Brasil, Yamato Kinjo, então um adolescente de 14 anos, ficou encantado com a recepção dos brasileiros. Assim que viu os fogos de artifício que pipocavam no céu daquela tarde fiorenta de 18 de junho de 1908, uniu-se ao coro dos outros 790 passageiros e gritou *banzai* (viva). Estavam todos iludidos: os balões e rojões não tinham sido lançados em homenagem aos japoneses. Simplesmente, era época dos festejos juninos.

Mas os brasileiros retribuíram aquele *banzai* 80 anos depois. No fim de semana, uma réplica do cargueiro *Kasato Maru* um navio-hospital de origem russa apodado pelos japoneses no final da guerra russo-japonesa no começo do século, foi recebida no armazém número 16 do porto de Santos por mais de 10 mil descendentes dos pioneiros. Não faltaram queimas de fogos, bandas e tiros de canhão. Yamato Kinjo, porém, não pôde ouvir o eco de sua primeira saudação. Numa triste coincidência, ele morreu em São Paulo, aos 94 anos, na noite de sexta-feira, na véspera do dia em que, há 80 anos, chegou ao Brasil. Deixou dois filhos, seis netos e cinco bisnetos.

**Lembranças** — Ontem à tarde, as suas descendentes *nisseis*, *sanseis* e *yonsseis* reuniram-se na casa onde ele morava com a filha mais velha, Elza Emiko Fujihara, de 68 anos, para reviver a história de Yamato Kinjo para o JORNAL DO BRASIL. Era o primeiro domingo que a família, muito unidade, passava sem ele. Lá estavam as filhas *nisseis* Elza Emiko Fujihara, Ivone Mioko, e a cunhada Maria Miquelina, mulher de um dos filhos, Mário, que morreu há dois anos. Também vieram as netas, as *sanseis* Moemy, Dora, Sônia, Denise e Janice, e as *yonsseis* Marcela, de um ano e meio, Ecleo, de dez meses. A união das descendentes chegava a ser maior que a tristeza da perda. Entre todas, quem mais falou foi a neta mais velha, Moemy, de 40 anos. Foi ela quem, há aproximadamente quatro anos, sentou-se com o avô durante vários dias e escreveu sua vasta biografia. Ilustrada com muitas fotos, ela foi devidamente xerocada e distribuída para todos os membros da família.

Moemy relembrou a trajetória do avô com lágrimas nos olhos. Não parecia triste, estava apenas emocionada. Todas a ouviam com muita atenção, complementando alguns detalhes. Yamato Kinjo nasceu em Tsukanasan, na ilha de Okinawa e teve três irmãos. Com oito anos, perdeu o pai, e foi viver com os avós maternos, um casal de dedicados lavradores. No começo do século, o seu tio Eirei começou a trabalhar na Companhia de Imigração, sondando os interessados em fazer aquela travessia de 12



Aos 14 anos, Yamato chegava ao país

mil milhas a bordo do vapor *Kasato Maru*. Espalhou-se pela ilha a crença na existência de verdadeiras árvores de dinheiro (os pés de café das fazendas em que os imigrantes viriam trabalhar) e de uma vida mais próspera. Seduzido por aquela perspectiva, o adolescente Kinjo disse ao avô que também queria conhecer aquele "país dos sonhos". O velho Kanashiro, que estimava muito o neto, demonstrou a sua anuência através de um antigo provérbio japonês que dizia "kawaii-koniwa tabiwo sasse-ro" ("se queremos bem a alguém, devemos deixá-lo colher experiências, sofrer e desenvolver-se interiormente"). E, enquanto aguardava a partida, o avô tratou, também, de "encaixá-lo" numa espécie de família postíça, pois só assim poderia viajar.

**Dificuldades** — Foram 52 dias de viagem. A comida era péssima, apenas arroz e peixe salgado. Para beber, somente chá. Mas Yamato Kinjo se divertia promovendo gincanas e ajudando o seu amigo Kamata Guibo, da mesma idade e, como ele, longe da família verdadeira, a vender balas e cigarros no barzinho do cargueiro. Chegando ao Brasil, ambos foram trabalhar numa plantação de café em Itu, no interior de São Paulo. Mas, no quinto mês, os dois companheiros fugiram da fazenda para São Paulo. O dinheiro que tinham só dava para as passagens. Chegando a São Paulo os amigos se separaram. Andando pela Rua Aurora, os dois combinaram: um seguiria pela direita, o outro pela esquerda. No final da tarde, encontraram-se, já empregados, no mesmo local. Kinjo conseguiria trabalho como assistente de dentista, e Guibo se empregou num cassino. Aquele dia foi decisivo na vida dos dois aventureiros: Yamato Kinjo conseguiu ser o primeiro dentista japonês do Brasil e seu amigo tornou-se dono de cassino em Cuiabá no Mato Grosso.

São Paulo — José Carlos Brasil



A família de Yamato se reuniu para contar a história do patriarca